

JEVERSON BARBIERI

jeverson@unicamp.br

Considerada por sua orientadora, professora Cássia Navas, como um dos grandes talentos egressos do Instituto de Artes (IA) e com carreira de destaque no exterior, a coreógrafa e intérprete Juliana Martins Rodrigues de Moraes defendeu sua tese de doutorado – que tratou da dança, seus discursos e a liberdade de expressão – propondo novos paradigmas para a dança contemporânea. “Sou uma artista que se esforça muito para não entrar no que está sendo proposto como moda ou tendência”, afirmou. Segundo ela, os últimos 20 anos apresentaram uma forte inclinação para a dança conceitual e, apesar disso, nunca se sentiu à vontade com a tendência.

O trabalho da intérprete funciona na linha da dança teatro e situa-se no meio do caminho entre o figurativo e o abstrato. Seus principais interesses concentram-se em trabalhar elementos corporais que sejam relacionados ao comportamento, ou seja, à comunicação não-verbal. São, muitas vezes, questões ligadas ao feminino que se expandem para o espaço e dialogam com a instalação. Moraes afirmou que possui uma ligação muito forte com as artes visuais e com a construção de um vocabulário de movimentos específicos para cada nova peça. “Alguns coreógrafos criam vocabulários que se repetem em todos os espetáculos, mas eu prefiro criar de maneira que cada espetáculo tenha o seu específico”, alegou.

Sobre suas influências, a autora citou que a primeira foi Pina Bausch. Falecida em junho de 2009, a coreógrafa alemã ainda é, na opinião de Moraes, o maior nome da dança mundial. Foi a partir do trabalho de Bausch que a pesquisadora enxergou ser possível trabalhar com questões pessoais, emocionais e narrativas, ao mesmo tempo. Ou seja, como a dança veicula uma narrativa própria sem emprestar elementos diretamente do teatro ou da literatura.

Outra referência que a influenciou de maneira decisiva foi Rudolf Laban. Na visão da coreógrafa, ele está para a dança assim como o russo Wassily Kandinsky está para a pintura. “Ele rompeu com vários paradigmas, senão quase todos, que balizam o balé clássico. Ele disse que todo movimento era interessante, e não apenas os movimentos nobres do balé”, acrescentou.

Logo após a conclusão da graduação na Unicamp, Moraes rumou para Londres, onde, por dois anos, estudou no Centro Laban. A sensação descrita por ela foi de que o curso aqui era bastante forte em termos de técnica, muito aberto em termos de composição coreográfica, mas não tão exigente em conceitos teóricos. “Você só participa de aulas com pessoas no mesmo nível técnico. Isso promove um desenvolvimento corporal técnico muito grande, além de competição acirrada”, disse.

Moraes revelou ainda que a parte teórica foi um “presente” para ela, uma vez que sempre teve uma vontade muito grande de estudar, mas não sabia quais linhas teóricas estavam disponíveis. No Laban, pesquisou muito o sistema de análise de movimentos, o qual forneceu ferramentas de criação de um vocabulário próprio sobre dança, de diálogo com os bailarinos, para não ter que trabalhar no nível da cópia.

Sobre metodologia adotada na criação de suas peças, a pesquisadora esclareceu que, tratando-se de um processo artístico, essa é de uma ideia que engessa. Ela prefere pessoas que falam sobre caminhos, processos, procedimentos, percursos. “Cada processo seu é um percurso diferente, um caminho que se abre de maneira distinta e isso depende muito das pessoas com quem você irá trabalhar. Não consigo descrever metodologicamente em etapas o que eu faço, mas existem algumas estratégias que tentam fazer com que, ao menos, em uma direção o caminho esteja”, assegurou.

A coreógrafa revela que todos os seus processos começam com um projeto, porque essa é uma demanda do mercado. Para escrever o projeto é preciso ter uma ideia,



Cena de espetáculo coreografado por Juliana de Moraes: forte ligação com as artes visuais

Foto: Antoninho Perri

A coreógrafa Juliana Martins Rodrigues de Moraes: fugindo de modismos



## e a dramaturgia do (in)consciente

portanto ela pode surgir de um tema ou de um procedimento coreográfico.

Especificamente sobre o doutorado, a autora o classifica como híbrido, uma vez que exercita a reflexão sobre a sua prática e, também, uma reflexão teórica. Moraes sentiu que precisava, como coreógrafa, mergulhar em questões teóricas que a incomodavam. Apesar de ter estudado Laban e considerar fundamental saber análise de movimento para construir suas coreografias, a questão da harmonia no movimento proposta por ele – a existência de movimentos harmônicos e desarmônicos – sempre a inquietou. “Nunca soube exatamente porque isso me incomodava e então foi um dos temas que me fez buscar uma pesquisa teórica. Dediquei um dos capítulos para sanar esse meu desconforto”, revelou.

E isso foi terrível porque ela descobriu a ligação de Laban com o nazismo e, conseqüentemente, a ideia de que a harmonia estava ligada a ideal do corpo do novo homem. “Isso foi frustrante”. A descoberta veio através da leitura da obra *Hitler's Dancers: German Modern Dance and the Third Reich*, escrita pela bailarina Lilian Karina e pela escritora Marion Kant. Nesse livro, Carina pesquisou documentos oficiais na antiga Alemanha Oriental, procurando encon-

trar amigos bailarinos que haviam sumido. A partir desse momento é que encontram registros sobre Laban, que fugiu em 1937 para a Inglaterra e passou para a história como um refugiado do regime alemão.

No entanto, a obra revela que ele reconstruiu sua história porque, até então, era um aliado de Hitler. A coreógrafa brasileira afirmou que toda essa descoberta criou um alvoroço no universo da dança e ela finalmente entendeu quais são as bases e o que na verdade está no fundo de sua teoria que sempre a incomodou. “Agora é possível seguir em frente, não excluindo o que adquiri, mas pelo menos trabalhando de forma apropriada, conhecendo as falhas”, reconheceu.

O segundo capítulo da tese também é um acerto de contas, só que dessa vez com um dos maiores teóricos da dança contemporânea – André Lepecki –, responsável por balizar a dança conceitual, que é o estilo de dança que se colocou para Moraes como uma grande muralha. De acordo com a pesquisadora, Lepecki valoriza muito a pausa em detrimento do movimento. “Basicamente, ele demoniza o movimento ao dizer que este está ligado à subjetividade moderna. Então, nós, como sujeitos modernos, nos condicionamos a estar sempre em movimento, criando, produzindo

e destruindo a natureza e os outros em razão disso”, ressaltou. A busca por outros teóricos, inclusive Laban, a ajudou muito no sentido de mostrar que não é qualquer movimento que faz isso, mas sim aquele morto, “de agitação constante sem reflexão”.

O terceiro capítulo foi escrito com o objetivo de mostrar como ela constrói suas peças, que ela mesmo define como “dramaturgia do in/consciente”. É a ideia atual de que o inconsciente se manifesta topograficamente, que ele cria uma paisagem através de estratégias quase coreográficas, como repetições, deslocamentos, substituições e deslizes.

### Nova abordagem

Sobre a situação da dança no Brasil, Moraes observou que uma das propostas da sua pesquisa foi tentar fazer essa reflexão, por isso escreveu na frente das páginas a parte teórica e, no verso, um diário. “Você tem que escolher o que vai ler primeiro no livro. O diário tem textos de várias épocas e é uma reflexão muito pessoal a respeito do assunto”, comentou.

Ela mencionou ainda que a dança produzida na cidade de São Paulo tem uma particularidade, que é um financiamento continuado por meio da Lei de Fomento à Dança do município. Anualmente, são destinados entre

R\$ 4 milhões e R\$ 6 milhões para produções de dança contemporânea que trabalham na linha de pesquisa, via editais. Para isso é necessário escrever um projeto, propor um argumento coreográfico, ter um orçamento e, se aprovado, poderá receber até R\$ 250 mil por ano. Segundo ela, essa lei mudou radicalmente a cena paulistana da dança. “Estou distanciada de Campinas. Sai daqui em 1997 e voltei apenas para o doutorado. A impressão que eu tenho é que a cidade está apenas engatinhando em termos de financiamento para a dança. Em termos estéticos e de criação tem muita gente boa por aqui, mas não se faz arte com ar. Em nenhum lugar do mundo se faz arte sem financiamento público ou privado. É preciso construir estratégias de fomento porque senão o fosso ficará cada vez maior”, lamentou. Atualmente, Moraes compõe o corpo docente do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (SP) e nos meses de janeiro é professora da Scuola Teatro Dimitri, na Suíça.

### Publicação

Tese de doutorado: “Texto para prosa, dança e verso: traços de discursos coreográficos”  
 Autora: Juliana Martins Rodrigues de Moraes  
 Orientadora: Cássia Navas  
 Unidade: Instituto de Artes (IA)